

Fogueira de Enchente (Almir Diniz)



Foi no dealbar de 1948. Não, nem tanto. Já era maio, final de maio. A professora Cora Santana, esposa do renomado mestre Martins Santana, o gordo Martins Santana, tão gordo competente na cátedra do Colégio Estadual do Amazonas, ao despedir-se da turma, por força das férias juninas, recomendou:

- Não esqueçam de fazer uma descrição sobre o que de interessante virem durante as férias onde quer que as forem gozar, a fim de que, no retorno, possam oferecer a seus colegas um retrato de alguma paisagem ou qualquer acontecimento que mereça registro.

E as ansiadas férias juninas chegaram. Então, eram juninas; hoje julinas.

Na reabertura do período entreguei à mestra a minha composição. E D. Cora, mostrando satisfação, leu-a, na sala, comentando-lhe os aspectos religiosos e folclóricos nela contidos.

O porquê da alegria de D. Cora devia ter sua justificativa. Na verdade eu lhe entregara uma memória da Fogueira de Enchente.

Mas, o quem vem a ser isto?

Meu pai, João Diniz de Carvalho, trouxera do seu Acaraú, no Ceará, o costume místico de homenagear os reverenciados santos do mês de junho – Antônio, 13; João, 24; e Pedro, 29 – com tradicionais fogueiras. E, durante a queima de lenha empilhada, os fogos de artifícios, em grande quantidade, riscavam a noite imitando miríades de pirlampos ignescentes. E, em volta da fogueira o ritual folclórico da consagração da amizade.

Eram assim: duas pessoas, normalmente jovens – que a juventude é a mola-mestre, fulcro vivo de todo e qualquer movimento sociocultural, desportivo patriótico ou festivo – dirigiam-se à fogueira e decidido o grau de afinidade a adotar (primo-irmão, cunhado, noivo, comrade...), contornavam-na por três vezes, em sentido contrário um do outro, e, ao se encontrarem, de mãos unidas, proferiam o juramento:

Santo Antônio disse// S. Pedro confirmou// que nós “havera” de ser comrade// que S. João manou.

Ao final daquele ritual, levado a sério, cumprimentavam-se, divulgando entre os presente sua nova condição de primos, noivos, irmãos..., sei lá. E selado o desejo mútuo, com o apadrinhamento do santo da vez, jamais abdicariam do título que valia para toda a vida.

Pois bem, João Diniz era devoto de S. João, seu celeste xará. E nada no mundo seria capaz de impedir que fizesse a sua fogueira quando S. João chegava. E enquanto as labaredas alumiam a noite, minha inesquecível mãe, Lídia, comandava a distribuição de chocolate e biscoito, gengibre e tapioca, bolo de macaxeira e aluá, beiju e pé-de-moleque, “bolo-podre” e mugunzá, coalhada e banana frita..., o meu pai cuidava de suprir a garotada com fogos de artifício e mandava acender a girândola. A festa chegava ao auge:

Só que, naquele ano, como de resto em muitos outros, não havia um palmo de terra a propriedade – a chamada fazenda de Acaraú – para servir de base à fogueira.

João decidiu. E coube a mim e ao meu irmão Ademar cortamos bananeiras (que logo seriam lembranças, arrasadas pelas águas) necessárias à montagem da fogueira. Arrastados os caules que, como se sabe, são super-aquosos, protegidos, portanto, do fogo, foram levados ao extinto jardim e atados entre si. E sobre a jangada original levantou-se a pilha de madeira seca que meu pai, em seguida, utilizando-se de uma canoa, foi até ela, ateando-lhe fogo. E a fogueira, conforme acontecia todos os anos, iluminou e animou a festa de S. João, com foguetes, cantos e quitutes.

Esta, a essência do trabalho (que eu não sabia literário), entregue à apreciação de minha mestra Cora Santana. E o porquê do título da crônica – Fogueira de Enchente.

Muito depois, com base naquela descrição feita no primeiro ano do ginásio, compus o soneto:

Fogueira de Enchente

*Era tosca a jangada e era fogueira
de bubuia no jardim que se afogava,
na jangada de imbaúba e bananeira,
a fogueira junina crepitava;*

*Joelho n'água a moça recitava
quadrinhas... e cantava a “desfeiteira”
um rapaz, de calção, que a namorava
alimentava o fogo e a brincadeira.*

*Das canoas a moçada disparava
os rojões, foguetões, traques, bombinhas,
iluminando a noite e os campos d'água.*

*Na varanda da casa que se ilhava
um grupo que encenava as “pastorinhas”
falava de sua dor, de amor, de mágoa...*